

2ª fita: SÔNIA/WALTER/IOLE - LADO A

Sônia -de uma posição forte. O trabalho, a expressividade (?) dele está necessariamente condicionada a um cálculo, a uma decisão de bancar um espaço real, bem frontalmente, achei legal, no limite de ser uma forma que quase se desmancha, ... exigência estruturante.

Iole - Isso veio aqui, porque nos outros trabalhos, nas outras instalações que foram feitas dentro desse sistema, desse contínuo dos planos no espaço, dos planos dobrando-se sobre si mesmos, eles não tinham, eles eram mais comedidos e mais medrosos. Então aqui, essa soltura das telas que cria esses espaços internos muito fortes, eu acho que eles mostram dentro do trabalho, um limite de resistência desse sistema, porque mais um pouco ela se desfaz e menos ela já está completamente apertadinha, ela vira uma unidade. E aqui ela vai, o olho rebate uma na outra, uma na outra e acho que exige do olhar e do espectador, um deslocamento no espaço e aí entra a questão do tempo-espaço, que é trabalhado

Walter - É exatamente o que você falou,que pode estar numa condição limite da escultura, ainda é possível. Essa palavra, objetivamente o que a palavra escultura cobre quando a gente pensa ela num contexto de arte contemporânea. Ela já é um outro. Você já tem um outro universo, de fato, em aberto, isso ainda é escultura?

Sônia - Não, o que a gente estava pensando é que a Iole tem muitas esculturas, boas esculturas, muito interessantes, mas que desse trabalho, a comparação que se pode fazer é que o trabalho, quando ela tem uma concepção mais de escultura ela parte de uma noção mais interna, de um espaço mais interno, de saída ela já está resolvendo questões postas por um espaço interno e aqui tem uma relação mais decisiva e posta desde o início com o espaço circundante. E portanto ele é menos escultura, no sentido de que é menos estável, menos pensado em termos de um eixo e muita mais dinâmica, porque ela é concebida mais como um sistema que liga todos esses eventos do que propriamente como uma peça que encerra em si mesma uma noção de espaço, tal como uma escultura.

Eu acho que isso não quer dizer que o trabalho a escultura, eu acho que ele cresce, ele agrega uma nova relação com o espaço que o trabalho anterior não tinha, mesmo porque a Iole estava falando, o processo do trabalho sair da parede, ela não via, ela demorou muito ...

Walter - Deve achar um lugar estranho para a escultura com bom humor. Eu falava estranho é a parede.

Iole - Exatamente inusitado, porque aqui entra uma idéia de percurso. Eu acho que eu resgato a questão que nós falamos no início do trabalho nos anos 70, quando comecei a fazer os filmes, quando as seqüências fotográficas vinham, de cada stil de filme, de cada fotograma, melhor dizendo, existia o registro de uma relação tempo-espaço na película, que era bi-dimensional, as imagens ali, registradinhos, mas havia ali toda uma indicação de uma relação espaço-tempo e depois isso foi se distanciando do trabalho e nós agora, nas últimas exposições eu fui sentindo que esse percurso ele volta a existir de uma outra maneira.

Existe uma expectativa de que o espectador gire em torno dessas peças, que ele se relacione com elas e com o espaço entre elas.

Walter - Nem sei se é ^{procede} procedente dividir as esculturas em tateis e visuais, vamos dizer. Tem algumas que nos atraem pelos olhos, outras como se a mão na frente dos olhos. Estava pensando num certo tratamento ótico. Não sei se a palavra é ótico, se é visual, até na questão do desenho. À medida que elas são transparentes, seu olho não bate na opacidade, não bate ^{de} de categorias, não que sejam essenciais na escultura, mas categorias tradicionais que ^{são} é opacidade, que é peso. Seu olhar bate, volta e circunda e no caso aqui existe uma outra situação que o seu olhar atravessa. E a visualidade que em certo momento é próprio do desenho, pela questão da linha como ela ostenta (?). *estava pensando ali na questão do desenho.*

Sônia - Eu acho que é uma idéia interessante. Elas têm um desenho. Têm uma relação muito frouxa com o desenho. Mas precisa ter algum desenho, um desenho meio imprevisível que trava em algum momento para garantir a estabilidade precária da peça. Mas que tem algum desenho. Isso é muito bonito. Você conhece os desenhos da Iole? *trazido aqui pela questão da linha.*

Walter - Não. Eu estava falando com ela que eu vi algumas fotografias ...

Sônia - A Iole ... ^{Essas esculturas} Elas são muito próximas do desenho.

Walter - Eu estava curioso de saber o que que tinha antes. Não é que o antes esclareça, mas sempre tem uma curiosidade.

Sônia - E nesse sentido que você colocou, porque tem um apelo visual, porque tem um raciocínio de lugar, e de tópicos, que se realizam antes do olho, ...precisa ter uma experiência tátil, tem uma passagem do dentro para o fora, da frente para trás, você pega isso como uma totalidade

Walter - ^{das} Essas relações entre escultura e arquitetura hoje. A gente têm várias discussões a propósito. *hoje*

Iole - O elemento formal significativo não está na estrutura, mas no impulso que movimenta e faz fluir a rigidez das formas. Ai eu acho inclusive que é interessante porque aqui, a gente pode ainda continuar esse pensamento, porque existe, de fato, uma questão do contínuo que flui, uma estrutura que vai permeando o espaço, mas ela é estrutural. É isso que é interessante. Ela vai além disso, ela cria uma ruptura nesse texto, porque ela não está na estrutura. Aqui está na estrutura. Mas estando na estrutura, ela garante o contínuo.

Walter - Essa escultura, você considera ela estrutural?

Iole - Sem dúvida, porque cada elemento que está ali colocado como um elemento constitutivo da peça, ele está respondendo a uma necessidade operacional. Você vê ali o fio que ancora os volumes no espaço através da ardósia. Estão ali porque é estritamente necessário, são simplicísimos, têm um nozinho que serve para prender e eles marcam essa questão. Não há um elemento aí que seja expressivo. Acredito que nos trabalhos anteriores, quando havia aquela questão da relação dos gestos, a relação do toque na tela, as pessoas realizam para mim. E essa questão do desenho que começou naquela série 'corpo sem norma' (?) e que depois foi estimulada pelo seu convite, Sônia, de fazer os desenhos para o catálogo da Tarsila, a partir dali, pegou na mosca, vieram essas esculturas e essas estruturas.

Walter - Tem alguma ligação com o desenho?

Iole - Total. É porque não tem nenhum aqui para você ver.

Sônia - O livrinho? Ficou comigo, pera aí.

Walter - Essa é uma discussão mais densa, que é muito interessante, que é a questão. Quando fala não expressivo, o que a gente chama de não expressivo. Estava conversando ontem com um pessoal. Quando eu vejo arte brasileira em geral, eu já penso diferente do contexto que eu estou pensando do mínimo ou da arte conceitual, como se existisse no artista brasileiro um ideal, algo utópico de conciliar inteligência e usaria expressividade, daria uma outra redação mais bonita do que a do Fernando Pessoa, onde ele diz, "Tudo que me está pensando". Então, eu fico pensando aqui. O artista brasileiro é como se ele acalentasse um ideal de expressão, não é que eu não veja, mas quando o fala na morte, a expressão é muito claro

Iole - Precisa pensar um pouco sobre isso, porque essa questão de palavras, tem que tomar um certo cuidado.... Porque a questão da expressão é óbvio que tem, acho que também pode relacionar com a expressividade e que também não existe trabalho sem uma dose potente de sensibilidade. O que eu estava me referindo é mais dentro da trajetória do meu próprio trabalho, porque essa questão da sensibilidade ou da expressividade, ficou catalogado durante muito

*e sobre o sistema se referia ao livro "em
onde há 1 obra de J. F. F. produzida.*

tempo, e eu coloco muitas interrogações sobre isso, em relação à função do gesto sobre o material, como se no momento em que não houvesse o toque, o meu toque na obra, que a obra ficaria prescindindo, ficaria com a ausência de algum elemento constitutivo essencial e isso não é verdade.

Sônia – Como se essa expressividade devesse ser sempre reativa. Eu acho que o que ela quer dizer é que agora essa expressividade ela é toda interagente com o ambiente, ela é imediatamente posta com o ambiente, ela não é mais o que pressupõe um sujeito conturbado e que depois atua no ambiente. Ela pressupõe um sujeito que só se realiza imediatamente para esse ambiente. Eu acho que é isso que muda nessa idéia de expressividade, não é isso?

Iole – Eu acho que é muito por aí.

Walter – É não a catarse, ela que se identificar só à catarse como desarticulando as propriedades da inteligência, como se fosse legítimas, como se fosse ...

Iole – Isso basicamente isso fica muito claro na relação dos meus trabalhos dos anos 70 para esses atuais mais sem uma coluna do meio, digamos assim, que seria exatamente o período do final, mais ou menos, meados dos anos 80 onde como o “sopro” daqueles trabalhos que estão ali em cima, onde de fato há(brusca interrupção).

Vozes esparsas, diálogos incompreensíveis. Ruídos de fundo.

Vozes muito ao fundo.

.....

Iole – Eu acho que é legal, sabe?

..... -que eu acho que estão conseguindo um perfil claro:
.....

Diálogo praticamente inaudível entre Iole e Muito ruído de fundo.

.....tem uma coisa muito interessante, que eles oferecem também visitas pelas trilhas onde eles caminhavam

Iole - vai para a área cultural.